

O Presenteísmo: meditações atuais sobre comunicação e temporalidade

Presentism: Current thoughts on communication and temporality

Samuel Mateus¹

RESUMO

Observamos, nas sociedades contemporâneas, com especial nitidez, a íntima relação entre a comunicação e a temporalidade. De facto, a tecnologia da comunicação (com as suas ferramentas de telecomunicação e as suas redes telemáticas) trouxe consigo uma singular experiência temporal da vida social. Na presente reflexão, pondera-se a influência que a inflexão presenteísta (apoiada na instantaneização e no imediatismo) do tempo traz à comunicação. Destacando, por um lado, o jornalismo e, por outro lado, o papel dos próprios dispositivos tecnológicos de mediação simbólica na configuração da experiência do tempo presente, apuram-se alguns dos riscos e potencialidades que o presenteísmo, enquanto contração da temporalidade, acarreta para o fenómeno comunicacional.

Palavras-chave: jornalismo, tempo presente, teoria da comunicação, ecologia mediática, memória coletiva, filosofia da comunicação.

ABSTRACT

We detect with special keenness in contemporary societies the close relationship between communication and temporality. Indeed, communication technologies (with their telecommunication and their networks) brought a singular temporal experience of social life. In this paper we ponder the influence that the present time inflection (based on instantaneity and immediacy) brings to communication. Highlighting, on the one hand, journalism and, on the other hand, the role of media in the configuration of the experience of present time, we give emphasis to some of the risks and potentialities that presentism, seen as a contraction of temporality, brings to the communicational phenomenon.

Key words: journalism, present time, communication theory, media ecology, collective memory, philosophy of communication.

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Av. de Berna, 26-C, 5º andar, sala 506, 1069-061, Lisboa, Portugal. Bolseiro de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. E-mail: sammateu@gmail.com

O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrasta, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo (Borges, 1999, p. 144).

Introdução

Schopenhauer chama-nos a atenção para o modo como a pura existência se contenta com o mero presente. Comparando o homem refinado com o homem simplório ou bruto (Schopenhauer, 2011, p. 8), ele repara que este último se distingue pela ausência de uma antecipação do futuro. Vivendo uma existência simples e encontrando a tranquilidade na concreticidade da vida, o simplório não é mais do que a incorporação de impulsos presentes, passado e futuro diluindo-se por entre o gozo do passar dos dias. Nessa medida, ele demonstra uma sabedoria prática que as faculdades do intelecto tendem a desvalorizar: a tranquila fruição do momento presente².

Assim, explica o filósofo, essa interrupção da temporalidade, esse resvalar da existência na direção do instante impede-o de ficar frustrado, esperançoso, ou feliz. Por este motivo, Schopenhauer inveja o simplório por ele apresentar essa incapacidade de condensar sofrimentos, arrependimentos e pungimentos (Schopenhauer, 2011, p. 11). A placidez do temperamento aliado à serenidade da existência despreocupada *carpe diem*, eis o que se obtém com a entrega ao presente das vivências.

Estamos aqui perante uma problematização da temporalidade: a posse do presente por parte do indivíduo bruto significa essa aptidão a empatar o tempo e a imobilizar-se no espaço lacunar que nem passado nem futuro ousam preencher. Ora, é justamente este questionamento de um experienciar da temporalidade a partir

de um certo imanentismo com que nos confrontamos nas sociedades contemporâneas e com que a comunicação, tanto na sua dimensão simbólica-discursiva como na sua dimensão técnico-instrumental (Rodrigues, 1988, p. 184), se defronta.

Com efeito, a história do tempo principia com a modernidade. Como diz Bauman, “a modernidade é, acima de tudo, a história do tempo: a modernidade é o tempo quando o tempo possui uma história” (Bauman, 2000, p. 110). Paralelamente, o problema comunicacional tem o seu início precisamente na modernidade. Tempo, modernidade e comunicação são conceitos que encontram uma gênese comum e que, como tal, necessitam de ser examinados a partir de uma perspectiva tripartida. Quando as técnicas se transformam em tecnologias e quando o tempo se autonomiza face ao espaço, estamos também perante uma mutação comunicacional. A disrupção do espaço-tempo³ significa também uma alteração na dinâmica comunicacional das sociedades, a qual pode ser repartida por entre uma fase de expansão territorial de conquista de espaço - que se desenvolve durante as Descobertas Portuguesas e culmina na exploração sideral astronáutica - e uma fase de expansão e de reprodução simbólica onde novas ideias, modos de fazer e sistemas de conceitos são disseminados, divulgados e partilhados através de dispositivos tecnológicos de mediação simbólica. Embora essa fase de dilatação comunicacional remonte, por exemplo, à escrita, invenções mais recentes como o uso da energia eléctrica com propósitos comunicacionais (telégrafo, a televisão, a internet) ou a utilização da radiação eletromagnética (permitindo as comunicações móveis desde o rádio até ao telemóvel) vieram alargar a comunicação a uma escala planetária introduzindo transformações fundamentais nas sociedades e na sua relação com a temporalidade. Novas tecnologias como os satélites de telecomunicação, o telemóvel, a internet, trouxeram não apenas uma

² Alberto Caeiro é o heterónimo de Pessoa (2006) que melhor exemplifica essa dimensão antimetafísica e afilosófica de alguém que percebe que a sensação do presente é a única realidade. Como se lê no poema “Sou um guardador de rebanhos”:

[...] *Pensar numa flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei da verdade e sou feliz.*

³ Que é depois consagrada, no princípio do século XX, com a teoria de Einstein acerca da Relatividade Geral.

aceleração da vida social, como da própria relação entre temporalidade e comunicação (Thompson, 1995, p. 78).

De facto, encontramos-nos, hoje, perante a mesma dificuldade para a qual as elucubrações de Schopenhauer alertavam: uma suspensão do tempo que se reveste socialmente de uma forma presenteísta onde a aceleração do tempo parece apontar não para a projeção teleológica de um futuro, nem para a recuperação de um passado, mas para uma experiência social alicerçada na instantaneidade e na condensação temporal. Tal como vivido no quotidiano, o tempo já não é cíclico, já não é linear, é um tempo pontuado (Aubert, 2003, p. 187) ou pontilhista (Maffesoli, 2000, p. 16) marcado por sucessivas desintegrações. A profusão de descontinuidades liquefaz o tempo, as ruturas desfazendo os elos temporais que uniam ciclicamente os acontecimentos. “O tempo pontilhista destaca-se mais pela sua inconsistência e falta de coesão do que por elementos de continuidade e solidez” (Bauman, 2007, p. 32). É quando a temporalidade se estilhaça em mil pedaços que é pedido ao indivíduo que os reate de novo e os rearranje de novo em configurações significativas. Tal como nas pinturas pontilhistas de Seurat⁴, é necessário reconstituir a pluralidade cromática decomposta em minúsculos pontos coloridos, ao homem hodierno é pedido que recomponha e realinhe a multiplicidade de pontos temporais num conjunto figurativo que possa reconhecer e pertencer. Daí que a vida social tenda a ser tão apressada e urgente pois é a oportunidade de aproveitar cada momento que está em jogo; cada idiosincrasia como se fosse a última; cada pontilhado abrindo para novos pontos e ocasiões na rede do tempo. Como se o tempo fosse uma teia composta de sucessões que é preciso ir transpondo, abrindo e fechando, aqui e ali, um pouco como a navegação hipertextual da *World Wide Web*.

É justamente devido a esta pulverização do tempo homogéneo e consecutivo que Maffesoli (2000) identifica esses “eternos instantes”, esses episódios, essas aventuras, esses incidentes que constroem, ponto a ponto, a densidade temporal do presente. Estamos, pois, perante uma mutação da polaridade temporal onde o presente se faz inteiro e o tempo se torna policromo escapando muitas vezes ao funcionalismo utilitário do relógio e do calendário. Por todo o lado, mesmo nos anúncios comerciais⁵, assiste-se à ampliação do prazer do instante, o dia como ocasião de deleite, cada *happening* como preenchimento pleno que se enraíza num presente prolongado. Nas sociedades

contemporâneas, o tempo possui uma duração (a *durée* de Bergson), uma integração de estados sucessivos que vaporiza o movimento natural do tempo e interrompe os impulsos.

Nesta reflexão, ponderam-se os corolários para o fenómeno comunicacional desta experiência social alicerçada na instantaneidade, na convergência temporal do presente e na imobilização do tempo em “instantes eternos” (Maffesoli, 2000) a que apelidamos de “presenteísmo”. Qual a relação possível entre esta temporalidade e a comunicação? De que forma os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica contribuem para esta configuração do tempo? Que consequências a imobilização no presente traz para a comunicação?

Tendo em conta essas interrogações, iremos indagar as respostas possíveis por intermédio de uma análise de caso. Uma das práticas comunicacionais mais importantes para as sociedades atuais, o jornalismo, e a sua transição para o ambiente *online*, ajudar-nos-á a perceber como a comunicação modela a experiência social do tempo e, mais exatamente, como essa indústria noticiosa participa da presentificação do tempo. A concluir, questiona-se o significado do presenteísmo do ponto de vista de uma memória coletiva, e discutimos as potencialidades da condensação do tempo no presente para o fenómeno comunicacional.

Jornalismo e temporalidade

Hunter (1990, p. 108) afirma que existem duas formas de escrever sobre o tempo presente, o romance e o jornalismo. Com efeito, o jornalismo caracteriza-se por isolar as ocorrências como acontecimentos singulares retirando-as do contínuo indistinto que constitui a facticidade na vida quotidiana. Ao consolidar de forma rotineira a divulgação de acontecimentos, acidentes, problemas, conflitos ou tensões sociais que surgem todos os dias e que, pela sua imprevisibilidade, importância ou tragicidade merecem a atenção da opinião pública, o jornalismo define um horizonte partilhado da experiência coletiva. Reportando assuntos que frequentemente se afastam da experiência direta dos indivíduos, ele contribui para a criação de relação culturais e a formação de comunidades

⁴ Por exemplo, *La Parade* de 1889.

⁵ “Faça uma pausa. Com Kit-Kat” ou “Iogurtes Danone: puro prazer”.

centradas no interesse pelo presente. Ele deu, assim, origem a uma consciência centrada nas transformações do hodierno e contribuiu, a partir do século XIX, para o desenvolvimento de uma cultura metropolitana devotada à atualidade (Franciscato, 2005, p. 158). O jornalismo funciona, assim, como uma prática comunicacional assente sobre o reforço de uma temporalidade social e assume um papel fundamental no trabalho que as sociedades empreendem em construir, delinear e disseminar a sua própria experiência do *esprit du temps*.

Para além de contribuir para uma cultura da atualidade, podemos perceber melhor no jornalismo a definição de um horizonte temporal da comunicação, concentrado sobre o momento presente, se trouxermos à colação a própria institucionalização do jornalismo. A verdade é que as empresas de comunicação social desenvolveram um controlo preciso na organização do tempo de produção e publicação de notícias que teve como consequência a criação de uma identidade profissional ancorada na atualidade. Por isso, a ideia do tempo presente tornou-se não apenas um princípio de legitimidade social, como, simultaneamente, princípio de organização, distribuição e estruturação de rotinas. Prosseguindo uma racionalização do tempo e admitindo como as notícias são bens perecíveis que rapidamente se deterioram por entre o fluxo do tempo, os jornalistas encontram, no inexorável *deadline* e nos ponteiros imperturbáveis do relógio, dois dos seus mais influentes símbolos da cultura profissional (Schudson, 1993, p. 179). A urgência é, pois, um valor dominante na organização jornalística, a qual configura uma verdadeira máquina do tempo. Porém, trata-se de uma máquina do tempo muito especial já que, não viajando nem para o passado (quando muito rememora-o) nem para o futuro (quando muito faz uma previsão), acelera a temporalidade na urgência do presente.

De facto, é esse presenteísmo comunicacional que torna o jornalismo facilmente reconhecível e que estabelece os contornos dos próprios quadros de sentido que fundam o seu papel social. As notícias possuem uma

existência efêmera não tanto porque o mundo se transforma nesse ritmo alucinante, mas porque o jornalismo tem precisamente no presenteísmo o seu fundamento temporal, o qual justifica a sua função social como mensageiro social (no plano político, económico, cultural, desportivo, científico, etc). Conforme se percebe pela repetição do conteúdo informativo nas diversas plataformas televisivas e nos noticiários diários, os temas não têm necessariamente uma evolução rápida. Mas é a própria natureza do reportar incessante da atualidade que faz com que os produtos noticiosos sejam tão voláteis e perecíveis. É, pois, a relação presenteísta entre temporalidade e comunicação que faz da atividade jornalística uma prática caracterizada pela efemeridade e pela busca Sisíflia do derradeiro acontecimento, da ocorrência instantânea, das notícias de “última hora”.

Em síntese, no jornalismo, a relação entre tempo e comunicação desenvolve-se em dois momentos: de um lado, temos a velocidade de um mundo em rápida transformação; do outro lado, a velocidade da produção do discurso jornalístico acerca dessa mesma metamorfose (Franciscato, 2005, p. 159). Compreendemos, assim, que o tempo da comunicação jornalística é um tempo posto em *mise en abîme*, duplicando, com a urgência do instante, a própria celeridade da urgência transformativa do mundo.

O presente histórico

Uma das facetas do jornalismo onde melhor se confirma esta inebriação pelo tempo (como se – ilusoriamente – o pretendesse capturar) é a natureza discursiva. É frequente o leitor não conseguir discernir os quadros temporais do acontecimento sobre o qual o discurso jornalístico alude. Tanto notícias ocorridas em data indefinida⁶ como notícias onde tempos verbais se misturam⁷ acarretam, muitas vezes, ambiguidade quanto à definição do seu tempo. Há como que uma vertigem da

⁶ “GNR apreende mais de 800 kg de amêijoia ilegal”. Supõe-se que a informação é do dia anterior mas o artigo acaba por não mencionar a data da ocorrência. Continuando a ler, o artigo apenas nos remete para factos que remontam a 2011. “GNR interceou uma carrinha em Alcochete com mais de 800 quilos de amêijoia retirada ilegalmente do estuário do rio Tejo, que tinha como destino Espanha. Desde 2011, as autoridades apreenderam no estuário do Tejo cerca de 70 toneladas e identificaram mais de 560 infratores” (*Diário de Notícias*, 2012a).

⁷ “Governo escolhe quatro investidores para a reprivatização”. Contudo, no texto, o tempo verbal muda subitamente para o pretérito perfeito, além de que se confirma que não se trata de uma decisão final mas apenas uma circunscrição do número total de investidores possíveis: “O Conselho de Ministros definiu esta quinta-feira quatro potenciais investidores finais de Portugal, Brasil, Noruega e Rússia para a alienação dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo (ENVC), empresas que devem apresentar as propostas vinculativas até fim de Setembro” (*Diário de Notícias*, 2012b).

temporalidade, na qual, não raras vezes, o presente emerge soberano. Registra-se, nestes casos, uma convergência da temporalidade em que o passado parece eclodir no presente momentâneo da receção da notícia.

Podemos mesmo afirmar que, na contemporaneidade, se assiste, um pouco por toda a comunicação social, à utilização do “presente histórico” como regra para descrever os eventos narrados⁸. Aqui assistimos à ativação do presente num contexto que recorre maioritariamente a formas do passado. Se à primeira vista o emprego do presente do indicativo provoca confusão já que os factos relatados se encontram já consumados, ele é justificado pelo acréscimo de vivacidade e dramatização como se transportasse o leitor para o acontecimento. O “presente histórico” é muito utilizado na literatura em crónicas históricas ou em biografias porque, de certa forma, presentifica acontecimentos passados, reconvocando-os de novo através da sua referência presente. Por exemplo, “Estamos a 20 de Julho de 1969 e Neil Armstrong é o primeiro homem a pisar a superfície lunar”. O discurso é, assim, deslocado e recolocado no tempo. O passado reinvocado é simultaneamente representado e apresentado, transferindo-se no tempo e adaptando-se à temporalidade do seu leitor.

O “presente histórico” configura, pois, uma enálage dos dísticos de tempo alterando os valores usuais (a utilização do pretérito perfeito para referir algo já ocorrido e concluído) a favor de uma reconfiguração dos padrões da temporalidade. Ele confere um imediatismo presencial às ações narradas sendo um dispositivo primordial para estabelecer o presenteísmo comunicacional a que assistimos nas sociedades contemporâneas.

Isto nos conduz à necessidade de distinguir entre narração e descrição.

Narrativização ou descrição

A utilização do presente histórico, destruindo essa distância entre narrador e leitor/ouvinte/espectador/utilizador (dependendo do dispositivo tecnológico de mediação simbólica) por parte dos enunciados jornalísticos faz com que se coloque a interrogação acerca do carácter narrativo do texto jornalístico. A narração é o

procedimento representativo que consiste no relato de ações e eventos através da formação de sequências de acontecimento (*diegese*) fundados no desenvolvimento de uma ação temporal cronológica. É, no fundo, uma história que se conta através da linguagem (Bal, 2001, p. 13). Correspondendo a uma organização retórica do discurso (a *narratio* que antecede a *dispositio*), a narração é um produto com intencionalidade discursiva no qual emerge o narrador como figura que constrói a exposição e conduz o leitor pelos caminhos narrativos.

Mas se o texto do jornalismo está atualmente inundado por uma inflexão rumo ao presente histórico, será que o modo narrativo participa do jornalismo? Como é que essa irrupção do presente reposiciona o leitor face aos acontecimentos relatados?

Sabemos que a narrativa usa tradicionalmente o pretérito passado como modo de tempo verbal predominante. Porém, o uso do presente do indicativo para contar eventos já sucedidos parece desviar o texto da sua função narrativa. Como afirma Fleishman (1990, p. 310), a função metalinguística do presente do indicativo é anunciar uma linguagem que não pode ser narrativa de acordo com as próprias regras narrativas: as narrativas referem-se a experiências específicas ocorridas no passado num mundo real ou imaginário sendo, por isso, contadas enquanto passado. Do ponto de vista narrativo, o problema do enunciado jornalístico é que ele viola um padrão mimético que declara que não se pode viver e narrar simultaneamente (Fleishman, 1990, p. 311). Se um edifício desabou encontra-se, então, presentemente em escombros. Torna-se difícil aceitar que a notícia que cada pessoa acaba de receber através da comunicação social corresponda exatamente ao momento que esse facto ocorre. Mas é precisamente isso que a enálage das unidades dísticas de tempo pretende: fazer com que de cada vez que o indivíduo toma conhecimento de um dado acontecimento, descrevê-lo como se ele estivesse a ocorrer precisamente nesse exato momento.

Aliás, a procura do “direto” traduz não apenas o predomínio do presente histórico na televisão ou na rádio, como assinala, ainda, a tentativa de fazer do ato de reportar não uma narração, mas uma descrição síncrona da simultaneidade transformativa do mundo. No jornalismo, o tempo da produção procura adaptar-se ao tempo da receção. É nesse deslocamento temporal que emerge o presente como experiência dominante do tempo.

⁸ “Americano de 100 anos *atropela* 11 em saída de escola ao dar marcha-ré” (*Folha de São Paulo*, 2012a) ou “Marquise de supermercado desaba e deixa um ferido em Recife” (*Folha de São Paulo*, 2012b).

Assim, a notícia jornalística é um texto peculiar fazendo um uso singular do que na teoria literária se chama de *showing* e *telling*. Enquanto momento que reporta os acontecimentos e as vivências do mundo, ela consagra um dispositivo narrativo que conta (*telling*) e que faz do narrador (o jornalista) o autor dessa história, modelando o foco narrativo com comentários, juízos e intervenções. Mas, ao mesmo tempo, o texto jornalístico pode ser visto como um enunciado que demonstra (*showing*) (Motta, 2004, p. 4). Não apenas o ideal de objetividade e isenção coíbe a função autoral do jornalista desapossando-o desse papel central de narração, como a tendência do presente histórico a comandar o tempo da escrita, faz com que o jornalismo tenda para produzir textos descritivos onde as cenas se sucedem e onde cabe ao leitor/espectador construir o próprio sentido daquilo que observa. O jornalista, neste caso, deixa de ser tanto um participante do enunciado, para se tornar também um espectador⁹. Deixa de organizar os eventos num texto narrativo homogêneo e cronológico para privilegiar as citações, o discurso direto ou o testemunho na primeira pessoa.

O que está em causa é dramatizar o vivido, é tornar os intervenientes em vozes ativas. O papel narrador do jornalista oblitera-se preferindo deixar os juízos éticos e políticos para a receção do texto. Contra a narrativa tradicional, o jornalista visa apenas descrever, com a crueza dos factos, os acontecimentos que se sucedem no mundo. O seu objetivo é menos “estórico” (não quer ser narrador nem contar “estórias”) do que histórico (a descrição objetiva e factual das ocorrências). No momento em que ele se demite do papel organizativo da narração, o jornalista desiste da interpretação em prol do leitor/ouvinte/espectador/utilizador. “Conclui-se que os enunciados jornalísticos tendem a se afastar da forma narrativa e a se caracterizar como expressões mais descritivas e objetivas da realidade que deixam para o recetor o encargo de reconstituir representações, principalmente de fazer as conexões e de construir eventuais diegeses narrativas dos acontecimentos descritos. Diferentemente da forma narrativa, o jornalista procura desvanecer a sua presença e transforma-se num mediador discreto. Enquanto mimese, o jornalismo se restringiria a descrever objetivamente a

realidade, evitando contar histórias no sentido tradicional da palavra” (Motta, 2004, p. 4).

Ora é justamente porque se ancora no presente e porque a prática jornalística se funda numa temporalidade que faz do imediatismo o seu estandarte, que o texto noticioso prescinde destas qualidades narrativas. Assim se percebe que o predomínio do presente histórico teve como corolário um deslocamento enunciativo desde a narração até a descrição. A urgência do presente trouxe, pois, novas configurações ao enunciado jornalístico. Na medida em que pretende dar conta do presente imediato, do instante, da pulverização temporal das sociedades contemporâneas, o jornalismo configura-se como algo mais do que uma narrativa tradicional. Desprende-se do tempo narrativo e transforma-se num relato sincronizado com a atualidade.

Por isso, a novidade torna-se rapidamente obsoleta¹⁰. E cada novo título traz consigo a esperança de uma nova emoção, a promessa de uma nova informação, a proposta de um “novo mundo”. O tempo, no jornalismo, escasseia, não é infinito. Por isso a cada novidade segue-se outra novidade, o “último desenvolvimento” sobrepondo-se celeremente à deterioração. Ser uma nova notícia não é suficiente porque anuncia implicitamente uma temporalidade que se escapa. Eis por isso o presente sempre renovado, o passado eternamente presentificado, a narração substituída pela descrição. A novidade, ou seja, a renovação de um novo presente, uma nova possibilidade, de uma nova experiência imediata, é uma categoria inerente ao jornalismo. A própria titulação das notícias, como se confirma com o uso do “presente histórico” sugere essa tentativa do jornalismo agarrar o presente e de com isso controlar a novidade. As relações de designação (das paixões, dos acontecimentos, dos antagonismos) são aquelas que melhor caracterizam os títulos das notícias (Rodrigues, 1990, p. 108). A nomeação é o principal processo das relações de designação, destacando uma pessoa particular ou uma entidade determinada do fluxo contínuo do tempo. Nomear tem a ver com a criação de singularidades, com a tentativa de prender o tempo a alguma coisa em específico e de imobilizar o tempo e a atenção públicas sobre esse acontecimento distintivo. A nomeação no jornalismo, tal como a enunciação, é um momento privilegiado de estabelecer um reforço da atualidade dos seus conteúdos.

⁹ Um exemplo ilustrativo são as peças jornalísticas do canal *Euronews*, no qual muitas das reportagens carecem da presença do jornalista ou repórter para deixar o espectador imerso na ação conforme ela decorre. Nesses casos, não existe praticamente edição de imagem. O espectador é deixado sozinho com as imagens e a sucessão de eventos.

¹⁰ “Geralmente a seguinte regra é verdadeira: o que é novidade raramente é bom; porque uma coisa boa é nova apenas por pouco tempo” (Schopenhauer, 2011, p. 15).

A urgência do tempo nos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica

A partir de finais do século XIX e inícios do século XX, as transformações nas tecnologias da comunicação assumiram uma preponderância tal que facilitaram a elaboração de novos mapas sociais da experiência do tempo. De entre várias possíveis, destacamos três características que os *novos media* desenvolveram e que contribuíram para a configuração presenteísta do tempo que experimentamos na contemporaneidade.

Em primeiro lugar, tecnologias como o rádio, a televisão mas sobretudo a internet, vieram trazer a dimensão instantânea à comunicação. A “instantaneidade” refere o encurtamento do tempo que media entre um acontecimento, a sua gravação ou transmissão, e a sua receção por parte da audiência. O telégrafo terá sido uma das primeiras tecnologias comunicacionais a reduzir o espaço ao tempo tornando a informação imediatamente disponível para ser compreendida. O telefone terá prosseguido essa orientação instantânea da comunicação mas será a internet a tornar praticamente qualquer ato comunicacional súbito e imediato como confirmamos nas notícias *online* hora-a-hora, ou nas conferências do *Skype*. Além disso, com as numerosas aplicações e com os programas de *software* atualmente disponíveis, a informação é acedida praticamente no momento em que é transmitida, independentemente do local e das diferenças horárias dos momentos de produção e receção. Tal é exemplificado pela informatização das transferências monetárias (como o multibanco) ou ainda pela possibilidade que *smartphones* nos dão de, em cada localização, nos indicar, em “tempo real”, quais as farmácias mais próximas ou a velocidade momentânea do vento, por exemplo. Hoje em dia, até a abertura dos *web-browsers* tem de ser instantânea, tal a falta de tolerância para esperar num mundo cujas trocas informacionais (e consequentemente comunicacionais) se tornaram tão céleres e urgentes. Mesmo na vida quotidiana, o próprio tempo de preparação da alimentação tende a ser substituído pela rapidez de preparação das refeições congeladas pré-cozinadas. Vivemos numa época que prima pela simultaneidade e que urge pelo tempo. Quase tudo está disponível, vinte e quatro horas por dia durante todo o ano. Observamos uma época presenteísta que a internet, ao fazer da instantaneidade o seu sinal distintivo, adensou.

A segunda categoria é a “interactividade”, pela qual entendemos a medida através da qual o indivíduo consegue agir ou influenciar reactivamente a forma (o dispositivo tecnológico de mediação simbólica) ou o conteúdo (simbolicidade) de determinada mediatização do processo comunicacional. Ela é considerada uma troca comunicativa entre indivíduo e *media*, sendo portanto uma atividade na qual o fim último pode não ser apenas a interação com o *media* mas um meio mediatizado de comunicar e interagir com outros indivíduos de forma integrada, participativa e simultânea. A interatividade contribui para definir um horizonte temporal das sociedades ao fazer da comunicação um ato cada vez mais concentrado no momento e onde o sincronismo da interação é fundamental. Mas, sobretudo, ela é importante porque envolve sempre um ato comunicativo que convoca ações comunicativas prévias que são assim re-rencadeadas. Neste sentido, a interatividade relaciona-se com uma certa hipertextualidade onde tudo se encontra ligado entre si, mesmo - como no caso da televisão interativa - se os programas a que o espectador assiste tenham já sido transmitidos semanas antes.

A terceira categoria que pretendemos destacar a propósito das relações de temporalidade dos *novos media* é a “memória”. De facto, as redes telemáticas, e em especial a internet, sobressaem pela sua prodigiosa capacidade de acumulação de informações (cf. Palácios, 2002). Sejam as folhas de cálculo dos *smartphones*, a virtualização de bibliotecas ou o formato eletrónico de livros, a internet veio possibilitar novas relações não apenas com o conhecimento como com a utilização desse conhecimento. Referimo-nos à extensa informação contida em infinitos blogs e sítios, mas igualmente ao denso acervo refletido nos perfis pessoais das redes sociais *online* como o *Orkut*, verdadeiro depósito multimédia de recordações, episódios e memórias dispersas da vida quotidiana dos seus utilizadores. Estamos, assim, perante uma memória rizomática, espalhada por todos os nódulos da *World Wide Web*, factos e lembranças esperando serem resgatados e recuperados por alguém para de novo serem reenviados.

A internet, como dispositivo comunicacional, apresenta-se segundo uma memória múltipla, hipertextual, cumulativa e, acima de tudo, instantânea. Os Anais da história presentificam-se: aqui, à distância de um clique, eis de novo as antiquíssimas e milenares palavras de Sócrates no *Primeiro Alcibíades*; ali, quase tão rápido quanto o pensamento, os vídeos, fotografias e entrevistas dos Jogos Olímpicos de Atlanta, de 1996. A internet funciona como um mega-arquivo do mundo, e alguns dos seus sítios operacionalizam essa operação histórica e genealógica

de conservar as vivências, ano após ano. Referimo-nos ao arquivo de vídeos que é o *YouTube*, ou ao arquivo de fotografias que define o *Flickr*. Ao tornar a informação um bem abundante e facilmente transmissível, a rede (*web*) tornou-se num gigantesco repositório audiovisual das nossas vidas. Se lembrar era antigamente uma operação marcadamente psicológica operada em nível individual, atualmente, com a voragem do tempo, lembrar tornou-se uma operação social e coletiva.

A memória digitalizou-se quando a urgência do presente se tornou dominante nas nossas sociedades.

Presenteísmo e comunicação - riscos e potencialidades

Chegados aqui, é imperioso perguntar: mas o que significa esta inflexão presenteísta? Que consequências do ponto de vista comunicacional possuem a volatilização da temporalidade sobre o presente e a criação de uma megamemória que regista quase tudo, mesmo a mais vulgar ocorrência?

O estado hodierno da comunicação traduz, de algum modo, a intermitência do tempo identificada por Schopenhauer. Pois, os atuais dispositivos tecnológicos de mediação simbólica, ao se enraizarem no presente instantâneo, lembram-nos essa condensação da temporalidade com que o homem simplório ou bruto se vê confrontado. Por entre a delicadeza dos prazeres e a tranquila fruição do momento, por entre uma comunicação do agora que se suspende no “agora”, será que o indivíduo contemporâneo torna-se apático e insensível à história e à memória, semelhante àquele descrito pelo filósofo alemão; ou, pelo contrário, essa demarcação do presente como temporalidade-padrão acarreta consigo aspetos emancipatórios para a própria comunicação e, por conseguinte, para a vida social?

Borges (1999, p. 147) recorda-nos que o tempo constitui o humano e que por isso mesmo sempre aconteceram tentativas de controlá-lo e submetê-lo à vontade dos homens. Ele refere a história do imperador Quin Shi Huang, o qual, paralelamente à edificação da grande muralha da China, mandou queimar todos os livros que contivessem referências aos imperadores que o haviam precedido. Eis a dupla tentativa de controlar o espaço e o tempo. Shi Huang, também conhecido por “Primeiro

Imperador”, quis fazer da temporalidade uma qualidade relativa, passível de ser manuseada e com isso criá-la *ab ovo*; a fundação do tempo a partir da sua própria pessoa, era isso que imperador pretendia ao querer que o tempo se reduzisse ao aqui e agora incólume à corrupção mutacional que marca qualquer ser vivo. Ser o primeiro imperador; com a desapareção das memórias, com a queima dos livros que relembavam os outros imperadores, surge toda uma nova possibilidade para Shi Huang de refundar a temporalidade à sua própria imagem e vontade.

Num certo sentido, o que as novas tecnologias da comunicação trouxeram no século XX - prolongando-se neste início de século XXI com as redes telemáticas - foi uma refundação da temporalidade. Porém, ao contrário do “Primeiro Imperador”, esta refundação do tempo baseou-se, não numa desmemorialização, mas precisamente no seu contrário: uma memória artificial rizomática, um intenso coligar hipertextual de informações, dados, experiências, conhecimentos e memórias com o intuito de construir uma base comunicacional ampla, inclusiva, vasta e partilhada a partir da qual os entendimentos entre diferentes culturas possam surgir. A chamada “Sociedade de Informação” (cf. Bell, 1977) nasce de acordo com esta ideologia presenteísta de fazer instantaneamente acessível o maior número possível de saberes. E, como vimos, jornalismo, como prática comunicacional fundamental nas sociedades modernas, encontra nessa urgência pelo tempo o seu motivo de afirmação social.

O que se torna agora aconselhável é avaliar o significado deste presente imanente (e da sua faceta memorial) do duplo ponto de vista das sociedades e da comunicação. Dito de outro modo, importa determinar os efeitos desta nova ecologia mediática. Sem pretendermos esgotar o assunto, faremos algumas breves considerações - pessimistas e otimistas - visando explorar as respostas possíveis a este problema da relação entre comunicação e temporalidade.

A suspensão momentânea da temporalidade traz consigo, à primeira vista, um perigo. A comunicação instantânea se baseia no encómio da forma sobre o conteúdo; e o aumento exponencial de informações não corresponde a um alargamento do conhecimento (cf. Postman, 1985). Pelo contrário, a uma inflação da informação parece corresponder uma deflação do sentido (Baudrillard, 1991, p. 103-104) como se a mensagem implodisse no próprio *medium* e este, por seu turno, implodisse as representações temporais vigentes. Deste ponto de vista, o presenteísmo significa somente um delírio do sentido ou um carrossel de conhecimentos em catadupa que, pelo seu carácter de consumo imediato e esquecimento instantâneo, não

podem assumir-se como uma base sólida para a emancipação e a edificação que as tecnologias contemporâneas da comunicação reclamam. A constante disponibilidade dos saberes para serem rapidamente consumidos não se traduz necessariamente numa democratização da informação já que, na leitura mais ou menos aleatória e hipertextual que fazemos dos assuntos, carecemos de referências primordiais que nos orientem por entre esses labirintos infinitos de informação. Como demonstra o conto de *Funes, o Memorioso* (Borges, 1979, p. 477-484), o excesso mnésico que confunde presente, passado e futuro numa pródiga memória capaz de tudo registrar e nada esquecer, traz consigo o risco da ignorância. A transparência simultânea que a internet hoje nos fornece contém essa possibilidade de se transformar num repositório indiscernível, em que o sentido se oblitera na profusão informacional e onde o indivíduo se perde no alvoroço ilimitado das palavras¹¹.

O presenteísmo comunicacional possui, assim, como risco inerente a criação de uma Babel desordenada onde a hipermemória, possibilitada pelas redes telemáticas como a internet, conduz a um hipertexto desarranjado, desorganizado e repetitivo. Nesta comunicação transparente e imediata, onde tudo é ridiculamente acessível e onde se cruzam milhares de museus, bibliotecas, arquivos, opiniões e ensaios, onde nada se esquece mas tudo se regista, arriscamos a própria capacidade em pensar. “Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, é abstrair. No abarrotado mundo de Funes não há senão pormenores, quase imediatos” (Borges, 1979, p. 482).

O problema numa sociedade onde a comunicação (presenteísta) se caracteriza pela hipermemorialização é o da seleção: como escolher numa sociedade em que a renúncia é vista como um défice de experiência? Como optar por este ou aquele discurso se, numa panóplia imensa das redes telemáticas contemporâneas, não existem senão abundâncias de opiniões, perspectivas prolixas e significados fugidios? Serra esclarece-nos: “A possibilidade dessa seleção pressupõe que o cibernauta já possua, previamente à sua entrada no ciberespaço, informação (conhecimento) sobre a informação que lhe interessa procurar – o mapa do território. E se não possuir tal mapa? Resta-lhe navegar

às cegas, saltitando de site para site, de informação para informação, até deparar com a informação mais fácil, ou a mais atrativa, ou mesmo a mais chocante” (Serra, 1999, p. 12).

No presenteísmo comunicacional, estamos perante a dificuldade de selecionar entre a informação que merece ser lembrada e a informação que merece ser conhecida e simultaneamente esquecida. Imersos no mar informacional, desprovidos de uma carta de navegação, constatamos, em cada dia, que a comunicação se encontra transbordada de informação¹². E quando o tempo cai em vertigem na direção do presente, ficamos sem tempo para comunicar. Na urgência do instantâneo, suspensos numa temporalidade enalhada, somos obrigados a continuar a trocar informações. Sem momentos para nos determos, para pararmos o fluxo informativo, sem a possibilidade de separar a informação da comunicação contemporânea, sem capacidade de distinguir a mediação simbólica da mediatazão que os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica impõem, arriscamo-nos a tornarmo-nos rudes. E com uma comunicação demasiado ligada aos imperativos performativos da sociedade de informação, na alegria retumbante de um tempo eterno que nunca acaba, ei-nos a reincarnar o simplório de Schopenhauer.

Todavia, indícios existem que nos permitem afeirir na veia presenteísta dos contemporâneos *media* uma dimensão otimista. O princípio de publicidade associado à memória coletiva, por exemplo, encarna uma potencialidade fundamental para o processo comunicacional.

Por um lado, a hipermemorialização das redes telemáticas, radicada na instantaneidade, não significa absolutamente uma contração da temporalidade aniquiladora dos laços entre passado, presente e futuro. Por outro lado, o facto de as tecnologias da comunicação se traduzirem num êxtase do tempo presente faz com que a ideia da qualidade pública das sociedades adquira uma importância ímpar. Assim, o potencial desta temporalidade pontilhistica que vivemos na contemporaneidade pode ser descoberto se o perspetivarmos a partir da ideia de uma memória pública.

Com efeito, uma das grandes vantagens de enfatizar a simultaneidade e o imediatismo das experiências

¹¹ É precisamente contra a profusão cornucópica da palavra que alguém decidiu imobilizar essa desmultiplicação da palavra imprimindo (fixando no papel) tudo aquilo que conseguir. Leia-se “Artista americano quer ‘imprimir’ (quase) toda a internet” (Rede TV, 2013).

¹² Como se os fins (de produção simbólica- a comunicação) deixassem de justificar os meios (tecnológicos- a informação) assumindo estes a justificação dos fins. Simmel (1990, p. 481) argumentou que é precisamente a inversão da ordem entre meios e fins que caracteriza a tecnologia moderna. A comunicação finda, em última análise, por se radicar na produção permanente de meios. Cada tecnologia acrescentando a sua mediação técnica ao processo comunicacional, cada nova informação semeando mais processamento informacional e menos formas comunicativas.

consiste na possibilidade de desenvolver um maior grau de consciência coletiva partilhada. O presenteísmo advindo com as tecnologias da comunicação reveste-se de um potencial de integração social na medida em que, ao concentrar a atenção das sociedades sobre si mesmas e na fruição do instante, origina a criação de um espaço partilhado de experiências que desembocam numa espécie de memória pública capaz de trabalhar passado, presente e futuro, não como substâncias acabadas, mas segundo um processo temporal dinâmico. “A relação entre publicidade e memória pode ser resumida no princípio de coesão dos grupos sociais. A memória coletiva surge-nos aqui como o modo reconstruído de transmissão da experiência social a partir de uma origem mítica, de um passado que passou mas que é preciso tornar presente” (Mateus, 2012, p. 210). A memória pública designa, assim, o processo social de articulação dinâmica dos acontecimentos: um fluxo de apropriação dialética de um passado-presente e de um presente-passado que as sociedades cultivam com vistas a ampliar os seus processos de coesão e reprodução cultural. Para as sociedades e as culturas persistirem no tempo, elaborarem as suas identidades simbólicas e a sua própria história, não basta arquivá-las num depósito de memórias e monumentos; é igualmente necessário operacionalizá-las, convocá-las, serem atualizadas. Ora, é justamente no seio de um processo publicitário forte que a relação entre a temporalidade e a experiência se constrói através de diversas atividades simbólicas que reavivam a consciência coletiva, a alongam e a transmitem.

Assim, uma das grandes potencialidades do atual presenteísmo comunicacional passa pela renovação das possibilidades de construção de uma memória pública intensa que se destaca pela captura extemporânea do tempo que se colapsa num único ponto (Mateus, 2012, p. 210) e que concentra em si a atenção pública das sociedades como um momento em que a pluralidade de indivíduos se encontra a si própria refletida. Trata-se de um labor simbólico que as sociedades empreendem publicamente em torno da sua própria experiência social com vistas à sua própria coesão histórica. É como se, em cada momento, o presente se apropriasse do passado e onde a história se encontrasse em permanente feitura. O presenteísmo tecnológico dá, assim, o mote para empreender novas práticas, não apenas de sociabilização, como também de memorialização incentivando novas incursões e compreensões sobre a história das sociedades.

Num certo sentido, esse presenteísmo estimula o trabalho de encontro e rememoração social através de uma memória pública dinâmica capaz de, a cada momento, es-

tabelecer novas ligações com o seu passado. Vivemos numa época onde a temporalidade é composta de momentos de pura rarefação e de puro excesso. A gerir esses défices e descomedimentos, posta-se uma memória pública cada vez mais importante quando as tecnologias da comunicação vieram contrair a temporalidade em volta do presente.

De cada vez que a internet presentifica o passado, abrem-se novos caminhos de construção pública de uma memória coletiva e, portanto, novas possibilidades de gerir a coesão social porque a história, apesar de factual, nunca é um pedaço sólido imutável. Necessita sempre que a interpretemos e é nessa reconvocação do tempo que o presenteísmo traz consigo que a memória pública e coletiva pode contribuir para essa reinterpretação. Os chamados *novos media* não apenas significam uma suspensão da temporalidade, sobre o tempo presente, como igualmente podem ser trabalhados como formas de rememorialização da história das sociedades e de construção pública de uma memória coletiva forte. Eles contêm em si novos modos relacionais para as sociedades e a sua herança simbólica.

Se, como estabelecemos, a hipermemorialização das redes telemáticas asfixia a comunicação com a abundância informativa, por outro lado, essa hipermemorialização pode ser o ponto de partida para processos sociais de rememoração social que têm como efeito prático uma abertura comunicativa das sociedades. A comunicação não é uma atividade social que possa ser apreendida de forma causal ou simplificada. Existem sempre facetas, mais ou menos escondidas, que importa igualmente considerar.

As sociedades contemporâneas são, então, sociedades que vivem num desafio permanente: o de valorizar com prudência o presenteísmo capaz de gerar uma memória coletiva dinâmica e, simultaneamente, de desvalorizar o presenteísmo que, ao sobrestimar a informação, sufoca o potencial comunicativo das sociedades.

Conclusão

A relação entre comunicação e temporalidade será um dos campos de estudos mais promissores das Ciências da Comunicação. Nesta reflexão, procurámos compreender as sociedades contemporâneas do ponto de vista comunicacional a partir do enfoque presenteísta que elas manifestam. Principiámos por notar que o jornalismo não apenas encontra a sua legitimidade profissional na urgência do tempo fazendo da atualidade o seu principal assunto, como

igualmente contribui para uma configuração imediata da experiência do tempo. O presente histórico é a enálage das unidades dísticas de tempo que ajuda a presentificar os factos ocorridos no tempo e a torná-los mais vívidos. Contudo, a utilização generalizada do presente histórico por parte do jornalismo (especialmente, como vimos, nos títulos das notícias) gera ambiguidade no sentido dos seus enunciados já que as regras convencionais da narratividade (segundo as quais, a narrativa se refere a ações passadas) são quebradas. Por esse motivo, propôs-se que se referisse a especificidade do texto jornalístico como sendo marcadamente descritivo, no qual a busca pela objetividade inibe o papel narrativo e especulativo do jornalista.

A par do jornalismo, o papel do presenteísmo na comunicação hodierna foi abordado a partir de uma reflexão acerca dos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica. Definindo-lhes três qualidades – instantaneidade, interatividade e memória –, ponderámos as desvantagens e as vantagens dessa contração da temporalidade sobre o momento presente para o fenómeno comunicacional. Assim, a hipermemorialização advinda com as redes telemáticas possui o risco de asfixiar a comunicação com o excesso de informações. Quando o tempo corre veloz pelo consumo imediato de imagens, vídeos e opiniões, não existe espaço para refletir. Assim, é o próprio processo comunicativo que é posto em causa uma vez que toda a comunicação necessita de um tempo de reflexão para se desenvolver. A comunicação não é mais um dado que se pode converter em números e digitalizar. Ela é, sobretudo, mediação simbólica e não mediatização. A tecnologização presenteísta e instantânea da comunicação ameaça corroe-la quando coloca no lugar da mediação humana a mediação tecnológica, isto é, mais informação como se “a garantia de que nada será esquecido (pela máquina) seja a melhor garantia de que nada – ou, pelo menos, nada de importante – será lembrado (pelo homem)” (Serra, 1999, p. 12).

Porém, o presenteísmo comporta igualmente um potencial de rememorialização pública das sociedades. O hipertexto dos *novos media* significa, também, que novas associações podem ser criadas e recriadas com o passado num processo dinâmico de construção coletiva da memória. Os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica, ao colapsarem o tempo num único ponto, fazem com que presente e passado possam entrar numa relação dialética dinâmica onde a rememoração se caracteriza por ser um processo ativo de construção partilhada da história.

Não podemos saber qual destas perspetivas assumirá preponderância: se o pessimismo de uma hipermemória

que impede os lapsos, as distâncias e as interrupções que tornam possível a comunicação; se a euforia de uma contração do tempo capaz de refundar publicamente uma memória coletiva. Talvez possamos mesmo prescindir da categoria presenteísta para analisar a relação entre a temporalidade e a comunicação contemporânea. Mas, provavelmente, e independentemente do ponto de partida para a sua análise, para pensarmos realisticamente os hodiernos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica, teremos de levar em linha de conta os seus riscos juntamente com as suas possibilidades emancipatórias.

Referências

- AUBERT, N. 2003. *Le Culte de l'Urgence – la société malade du temps*. Paris, Flammarion, 375 p.
- BAL, M. 2001. *Teoria de la narrativa*. Cátedra, Madrid, 222 p.
- BAUDRILLARD, J. 1991. *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógio d'Água, 201 p.
- BAUMAN, Z. 2000. *Liquid Modernity*. Cambridge, Polity Press, 228 p.
- BAUMAN, Z. 2007. *Consuming Life*. Cambridge, Polity Press, 168 p.
- BELL, D. 1977. *O Advento da Sociedade Pós-Industrial*. São Paulo, Cultrix, 382 p.
- BORGES, J.L. 1979. *Prosa Completa*. Barcelona, Ediciones Bruguera, vol. 1, 446 p.
- BORGES, J.L. 1999. *Obras Completas*. São Paulo, Globo, vol. II, 544 p.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 2012a. GNR *apreende* mais de 800 kg de amêijoia ilegal. Nº 52371, ano 148. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2732269&page=-1. Acesso em: 07/2012.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 2012b. Governo *escolhe* quatro investidores para a reprivatização. Nº 52371, ano 148. Disponível em http://www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=2743261. Acesso em: 07/2012.
- FLEISHMAN, S. 1990. *Tense and Narrativity- From Medieval Performance to Modern Fiction*. Texas, University of Texas, 403 p.
- FOLHA DE SÃO PAULO. 2012a. Americano de 100 anos *atropela* 11 em saída de escola ao dar marcha-ré. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/1145623-americano-de-100-anos-atropela-11-em-saida-de-escola-ao-dar-marcha-re.shtml> Acesso em: 07/2012.
- FOLHA DE SÃO PAULO. 2012b. Marquise de supermercado *desaba* e deixa um ferido em Recife. Disponível em <http://>

- www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1145657-marquise-de-supermercado-desaba-e-deixa-um-ferido-em-recife.shtml. Acesso em: 07/2012.
- FRANCISCATO, C. 2005. Journalism and Change in Experience of Time in Western Societies, *Brazilian Journalism Research*, 1(1):155-175
- HUNTER, P. 1990. *Before Novels – the cultural contexts of Eighteenth-century English fiction*. New York, Norton&Company, 421 p.
- MAFFESOLI, M. 2000. *L'Instant Éternel – le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*. Paris, La Table Ronde, 249 p.
- MATEUS, S. 2012. *O Processo Publicitário – estudo sobre a experiência pública*. Lisboa, Portugal. Tese de doutoramento. FCSH-UNL, 577 p.
- MOTTA, L.G. 2004. Jornalismo e Configuração Narrativa da História do Presente, *E-Compós*, 1:1-26.
- PALÁCIOS, M. 2002. Jornalismo Online, Informação e Memória - apontamentos para debate. In: *Jornadas de Jornalismo Online*. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf. Acesso em: 07/2012.
- PESSOA, F. 2006. *O Guardador de Rebanhos e outros poemas*. Curitiba, Landy Editora, 132 p.
- POSTMAN, N. 1985, *Amusing Ourselves to Death – public discourse in the age of show business*. London/New York, Penguin, 184 p.
- REDE TV. 2013. Artista americano quer 'imprimir' (quase) toda a internet. Disponível em: <http://www.redeTV.com.br/jornalismo/portajornalismo/Noticia.aspx?118,4,518842,200,Artista-americano-quer-imprimir-quase-toda-a-internet->. Acesso em: 08/2013.
- RODRIGUES, A.D. 1988. *O Campo dos Media – discursividade, narratividade, máquinas*. Lisboa, Vega, 189 p.
- RODRIGUES, A.D. 1990. *Estratégias da Comunicação*. Lisboa, Presença, 223 p.
- SCHOPENHAUER, A. 2011. *The Essays of Arthur Schopenhauer: Studies in Pessimism*. London, Aeterna, 148 p.
- SCHUDSON, M. 1993. Os jornalistas e a sua máquina do tempo In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, p. 177-190.
- SERRA, P. 1999. Informação e Sentido – notas para uma abordagem problemática do conceito de informação. *BOCC*. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-informacao_e_sentido.pdf. Acesso em: 07/2012.
- SIMMEL, G. 1990. *The Philosophy of Money*. London/New York, Routledge, 498 p.
- THOMPSON, J.B. 1995. *Media and Modernity – a social theory of the media*. Stanford California, Stanford University Press, 314 p.

Submetido: 16/01/2013

Aceito: 31/08/2013